

O NOVO CONCEITO LINGUÍSTICO DE GÊNEROS TEXTUAIS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS DO NOVO TESTAMENTO: UM ESTUDO DE CASO DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS

*Robério Odair Basílio de Azevedo**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as mudanças que o conceito de gênero literário vem experimentando no campo da linguística e da literatura nas últimas décadas, considerando, especificamente, a importância do novo conceito linguístico de gêneros textuais para o estudo dos gêneros literários do Novo Testamento. Além disso, apresenta um estudo de caso sobre o impacto desses novos estudos na compreensão do gênero da chamada Epístola aos Hebreus, demonstrando como podem ajudar a explicar a natureza híbrida da sua forma literária.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros Textuais; Gêneros Literários; Gênero de Hebreus.

INTRODUÇÃO

O conceito de gênero literário é usado desde a Grécia antiga para se referir ao agrupamento de textos que possuem características e propriedades literárias comuns. Em sua obra *Arte Poética*, Aristóteles categorizou e agrupou as obras literárias de acordo com o seu gênero, ou seja, as suas similaridades quanto a forma e conteúdo. Ele classificou os gêneros principais como: *épico*

* O autor é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Atualmente é pastor da Igreja Presbiteriana Betel, em Feira de Santana (BA), e está concluindo seu Ph.D. em Novo Testamento pela North West University, na África do Sul.

ou *narrativo*, *lírico* e *dramático*. Além disso, apresenta inúmeros subgêneros oriundos desses principais, tais como, *fábula*, *novela*, *ode* e *tragédia*, entre outros.¹

Desde então, essa categorização aristotélica e maneira formal de identificar os gêneros dominou os estudos crítico-literários subsequentes, assim como influenciou os estudos bíblicos, tanto na área do Antigo como do Novo Testamento (AT e NT). De fato, essa guinada literária da Bíblia tem produzido uma extensa bibliografia, sendo hoje considerada imprescindível no processo hermenêutico. Porém, em geral, a análise dos gêneros literários dos livros da Bíblia ainda está presa ao formalismo aristotélico e ao comparativismo literário.²

No entanto, a partir do século XX e, sobretudo, nos últimos trinta anos, o estudo dos gêneros tem passado por profundas mudanças, especialmente devido à influência do teórico russo Mikhail Bakhtin e seu conceito de *gêneros do discurso*, bem como de estudos subsequentes desenvolvidos no campo do discurso aplicado, proporcionando uma mudança de paradigma importante no entendimento dos gêneros.³ Mesmo assim, pouco tem sido investigado sobre a possível contribuição desses novos estudos em relação aos estudos bíblicos, principalmente no Brasil.

O fato é que essas novas abordagens mudaram a forma como os gêneros são conceituados hoje e o entendimento quanto ao papel deles na produção e interpretação de textos, com o surgimento de uma ampla variedade de abordagens distintas e multidisciplinares.⁴ Hoje, nos estudos linguísticos, os gêneros têm sido cada vez mais estudados como práticas sócio-históricas interconectadas com a vida cultural e social, tendo como característica seu contínuo desenvolvimento e dinamismo.⁵

O propósito deste artigo é analisar essas transformações teóricas, apontando como, em geral, os estudos do NT ainda estão presos, excessivamente, ao conceito clássico de gêneros literários formais, deixando assim de perceber a natureza rica, dinâmica e híbrida dos gêneros, como exemplificado em Hebreus. Para isso, os seguintes passos serão dados: primeiro, será discutido

¹ Os livros *A República*, de Platão, e *Arte Poética*, de Aristóteles, são as principais obras de referência sobre o assunto no pensamento ocidental, tendo sido sucedidas por muitas outras. Ver: STALLONI, Y. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

² Cf. BAILEY, J. L.; VANDER BROEK, L. D. *Literary Forms in the New Testament: A Handbook*. London: SPCK, 1992; RYKEN, L. *Formas literárias da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

³ Cf. BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola, 2013.

⁴ Ver: ANDERSEN, J. "What Genre Theory Does." In: ANDERSEN, J. (Ed.). *Genre Theory in Information Studies*. Bingley, UK: Emerald, 2015, p. 1-12; BHATIA, V. K. *Worlds of Written Discourse: A Genre-Based View*. London; New York: Continuum, 2004; SWALES, J. M. *Research Genres: Explorations and Applications*. New York, NY: Cambridge University Press, 2004.

⁵ Cf. MILLER, C. R. "Genre as Social Action". *Quarterly Journal of Speech*, 70 (1984): 151-167.

o conceito de gênero e suas múltiplas definições e perspectivas teóricas atuais; depois, será feita uma análise dessa nova reconceituação linguística dos gêneros, mostrando como em muitos casos eles contribuem, positivamente, para o estudo dos gêneros do NT. Por fim, será feito um estudo de caso, sopesando esse novo conceito de gênero textual no entendimento da chamada Epístola aos Hebreus.

1. OS GÊNEROS LITERÁRIOS E OS GÊNEROS TEXTUAIS

A palavra “gênero” tem o conceito básico, tanto em grego (γένος) como em latim (*genus, generis*), de espécie, família ou tipo de coisas. O termo é usado para estabelecer diferenças entre coisas, agrupando e classificando aquelas que têm características semelhantes importantes. Na crítica literária, o termo “gêneros literários” é usado para classificar as produções literárias conforme seus critérios particulares, tanto no que se refere à forma externa (estilo e estrutura específica), quanto à forma interna (atitude e propósito).⁶

No entanto, o debate teórico sobre a precisa definição de “gênero” é complexo, considerando as inúmeras e diferentes abordagens usadas para defini-lo, bem como as variações conceituais que ocorreram na tradição literária, linguística, retórica e sociológica. Além disso, a discussão tomou novos rumos conceituais com a influência da linguística funcional, seja de natureza sistêmica, enunciativa, textual, comunicacional ou cognitiva.⁷

Essa reconceitualização gradativa do termo trazida pelos estudos linguísticos tem produzido abordagens mais amplas para tipificar os gêneros, bem como diferentes terminologias para categorizá-los, tais como, *gêneros textuais, gêneros discursivos, gêneros da fala e da escrita*, dentre outros. Porém, apesar das diferenças terminológicas, há uma tendência comum em tratar os gêneros como fenômenos linguísticos amplos e dinâmicos, intimamente relacionados com a sua função social e contexto, rompendo-se com a ideia estática e formal do aristotelismo.

Nesta pesquisa, o termo *gênero textual* será adotado para se referir aos gêneros orais e escritos, amplificando assim o conceito de gêneros para toda produção textual humana. Dessa forma, os gêneros textuais podem ser definidos como “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.⁸ Eles são, portanto, fenômenos sociodiscursivos de natureza histórica, cultural, linguística,

⁶ Ver: OSBORNE, G. R. “Genre.” In: VANHOOZER, K. J. et al. *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker, 2006, p. 252-253.

⁷ Ver: BAWARSHI; REIFF, *Gênero*, p. 27-132.

⁸ MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R. et al. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2015: 19-38, p. 23.

retórico-literária e coletiva que organizam e padronizam as atividades comunicativas diárias de um ou de vários grupos sociais. Porém, os gêneros não devem ser entendidos como “modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificados de modo particular na linguagem”.⁹ Esse conceito é importante porque salvaguarda a ideia dos gêneros como entidades sociocomunicativas recorrentes estáveis, porém dinâmicas. Assim, o debate, ainda comum, nos estudos bíblicos atuais sobre a natureza prescritiva ou descritiva dos gêneros torna-se obsoleto.¹⁰

1.1 A influência de Bakhtin no estudo dos gêneros

Bakhtin tratou do conceito de gênero em algumas obras, especialmente em *Os Gêneros do Discurso* (1952-1953), em que aborda de forma mais detalhada a natureza linguística dos gêneros.¹¹ A obra de Bakhtin foi importante porque estimulou um repensar e uma nova ênfase no estudo dos gêneros, que embora identificados por características convencionais e propriedades formais, passaram a ser vistos como vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições e finalidades comunicativas reais de uso.¹² De acordo com Bakhtin, existe uma conexão intrínseca entre o uso da linguagem e as atividades humanas, pois “a linguagem é realizada na forma de enunciados individuais e concretos (orais e escritos) por participantes nas várias áreas da atividade humana”.¹³

Briggs e Bauman observam que “Bakhtin desafiou a noção de que gêneros são unidades estáticas, estilisticamente homogêneas e não sobrepostas”.¹⁴ Dessa forma, o estudo dos gêneros mudou seu foco teórico “dos gêneros retóricos clássicos e a preocupação com a categorização do texto para os ‘gêneros de fato’ e sua função em várias atividades e práticas cotidianas em que o uso de textos é implicado”.¹⁵ Como consequência, os gêneros passaram a ser considerados “entidades sócio discursivas e formas de ação social inevitáveis em

⁹ MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação”. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B. et al. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011: 17-31, p. 18.

¹⁰ Cf., e.g., OSBORNE, “Genre,” p. 252.

¹¹ Ver: BAKHTIN, M. M.; VOLOSINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 42-43; BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

¹² Ver: THOMSON, C. “Bakhtin’s ‘Theory’ of Genre”. *Studies in 20th Century Literature*, 9.1 (1984): 29-40.

¹³ BAKHTIN, M. M. *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin, TX: University of Texas Press, 2010, p. 60.

¹⁴ BRIGGS, C. L.; BAUMAN, R. “Genre, Intertextuality, and Social Power.” *Journal of Linguistic Anthropology*, 2.2 (1992): 131-172, p. 145.

¹⁵ ANDERSEN, “What Genre Theory Does”, p. 10.

qualquer situação comunicativa”,¹⁶ ou seja, sempre que falamos ou escrevemos usamos um gênero.

Para se entender o conceito de gênero em Bakhtin, é necessário compreender a sua noção de *enunciado*. Ele usa o termo russo *viskázivanie* para definir enunciado como um ato de dizer concreto e único (falado, escrito, gesticulado) que gera sentido e utiliza a linguagem para a sua materialização. Por exemplo, um aceno de cabeça, uma frase, um texto escrito completo, um romance ou uma carta, dentre outros. Assim, cada atividade humana envolve o uso de enunciados que se estabilizam na forma de gêneros. Consequentemente, os gêneros do discurso estabelecem uma interconexão entre *linguagem* e *vida social*, porque os falamos e os escrevemos dentro de cada *esfera de ação* (religiosa, política, familiar, educacional, jurídica e assim por diante).

O seu pensamento sobre os gêneros pode ser resumido da seguinte forma:¹⁷

- Os gêneros existem nas múltiplas esferas da comunicação oral cotidiana. Consequentemente, cada esfera da interação social humana elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros.
- Os três elementos essenciais que constituem um gênero são seu *conteúdo temático, estilo e forma composicional*.
- Todo evento comunicativo de natureza verbal se manifesta através da escolha de um determinado gênero. A escolha é determinada pela especificidade da esfera, pelas necessidades temáticas, pela situação concreta da comunicação, pela composição pessoal de seus participantes e pela vontade ou intenção enunciativa do produtor textual.

Os gêneros são, portanto, tipos de enunciados relativamente estáveis e relevantes para um determinado grupo social, caracterizados por um conteúdo temático, estilo e estrutura composicional.¹⁸ Porém, apesar da estabilidade, estão em constante mudança, transformando-se, ganhando novos significados, imbricando-se, aparecendo e desaparecendo conforme as atividades humanas. Em suas palavras, “a riqueza e a diversidade dos gêneros da fala são ilimitadas porque as várias possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém todo um repertório de gêneros da fala”.¹⁹

Bakhtin define os gêneros em primário (simples) e secundário (complexo).²⁰ Os primários referem-se aos gêneros da vida cotidiana e são predominantemente – mas não exclusivamente – orais. Eles pertencem à comunicação verbal

¹⁶ MARCUSCHI, “Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade”, p. 19.

¹⁷ Ver: BAKHTIN, *Os gêneros do discurso*, p. 11-22.

¹⁸ Cf. BAKHTIN, *Speech Genres*, p. 60.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid., p. 61-62.

espontânea e estão diretamente relacionados ao contexto imediato. Por exemplo, réplicas do diálogo cotidiano, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica, os provérbios, as citações de autores em uma conversa informal, ingresso e assim por diante. Já os gêneros secundários pertencem à esfera da comunicação cultural, sendo mais complexos, desenvolvidos e elaborados. Eles são predominantemente – mas não exclusivamente – escritos. Os exemplos são romances, narrativas, dramas, pesquisas científicas, discursos parlamentares, sermões e homilias, entre outros. Embora a diferença entre eles seja imensa, os gêneros secundários, em seu processo de formação, incorporam, agrupam, dirigem e retrabalham os primários, transformando-os. Dessa forma, a análise dos gêneros deve abordar essas duas modalidades, pois somente assim “a definição pode ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado”.²¹

Segundo Bakhtin, os gêneros unem estabilidade e instabilidade, simplicidade e complexidade, permanência e mudança, ou seja, possuem propriedades comuns estáveis, mas essas propriedades mudam continuamente. Em suas palavras, um “gênero é sempre o mesmo e, no entanto, não é o mesmo, sempre antigo e novo simultaneamente... renasce e se renova a cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um determinado gênero”.²² Assim, sua noção de gênero está ancorada em práticas sociais e saberes socioculturais que sofrem variações, intercalações, hibridizações e misturas em sua unidade temática, forma e estilo de composição.

1.2 As principais perspectivas teóricas sobre os gêneros hoje

Marcuschi observa que hoje existem, pelo menos, sete perspectivas principais sobre o estudo dos gêneros: sócio-histórica e dialógica; comunicativa; sistêmico-funcional; sócio retórica; interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna; análise crítica e sócio retórica/sócio-histórica e cultural.²³

Apesar das diferenças teóricas, de modo geral essas metodologias têm em comum o fato de que não entendem mais os gêneros como um conjunto de textos com propriedades formais específicas (perspectiva aristotélica), mas de acordo com sua dinâmica interacional de produção. Os gêneros são vistos como “ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes”,²⁴ ou seja, são atividades discursivas socialmente estabilizadas – sempre nos manifestamos por meio deles – mas que têm um caráter dinâmico, intercalado e híbrido. Como

²¹ Ibid., p. 62.

²² BAKHTIN, M. M. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984, p. 106.

²³ Ver: MARCUSCHI, L. A. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 152-153.

²⁴ MILLER, “Genre as Social Action”, p. 159.

Bhatia observa, “embora frequentemente identifiquemos e conceitualizemos gêneros em formas puras, no mundo real eles são frequentemente vistos em formas híbridas, misturadas e incorporadas”.²⁵ Essa flexibilidade aponta para dois mecanismos fundamentais na composição dos gêneros: *intercalação* e *hibridismo*.²⁶ Na intercalação ainda existem certos limites formais, posicionais e sintáticos que tipificam os gêneros, enquanto na hibridização ocorre a fusão dos gêneros, ou seja, não há fronteiras ou limites, conforme as perspectivas autorais.

Os gêneros são, portanto, “quintessencialmente intertextuais”,²⁷ e às vezes eles “se entrelaçam e se interpenetram para constituir novos gêneros,”²⁸ como, por exemplo, o e-mail, sucessor da carta. Assim, eles podem se fundir, um gênero pode assumir a forma de outro, ou um novo gênero pode surgir de acordo com novas finalidades comunicativas e as variações socioculturais naturais. Portanto, hoje a interpretação e o uso dos gêneros têm sido abordados principalmente pelo viés dinâmico da produção e sua finalidade sociocomunicativa.

1.3 Os gêneros textuais como fenômeno sociocognitivo

O estudo dos gêneros tem também recebido considerável atenção do sociocognitivismo. Assim, há uma tentativa de “esclarecer não apenas os objetivos comunicativos da comunidade discursiva em questão, mas também as estratégias cognitivas empregadas por seus membros para atingir esses objetivos”.²⁹ De acordo com Berkenkotter e Huckin, os

[...] gêneros são estruturas retóricas inerentemente dinâmicas que podem ser manipuladas de acordo com as condições de uso, e esse conhecimento de gênero é, portanto, mais bem conceituado como uma forma de cognição situada e embutida em culturas disciplinares.³⁰

Assim, os indivíduos adquirem e desenvolvem um conhecimento e uma competência sobre os gêneros que os capacita a compreender, interagir, produzir, criar, mesclar, recriar e interpretar gêneros textuais dentro de diversas práticas orientadoras sociais e comunicativas.

²⁵ BHATIA, *Worlds of Written Discourse*, p. 25.

²⁶ Cf. ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 102.

²⁷ Cf. BRIGGS; BAUMAN, “Genre, Intertextuality, and Social Power,” p. 147.

²⁸ MARCUSCHI, *Produção textual*, p. 163.

²⁹ BHATIA, V. K. “Genre Analysis Today”. *Revue Belge de Philologie et d’Histoire*, 75.3 (1997): 629-652, p. 629.

³⁰ BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. “Rethinking Genre From a Sociocognitive Perspective”. *Written Communication*, 10.4 (1993): 475-509, p. 477.

O conhecimento do gênero é baseado, portanto, em “uma gama de procedimentos cognitivos e comunicativos relacionados à aquisição de habilidades pré-gênero e de gênero apropriadas a uma situação sócio retórica prevista ou emergente”.³¹ Por um lado, no processo comunicativo, o produtor escolhe o gênero (ou gêneros) em que tem a competência mínima para atuar e que considera mais adequado a essa situação. No entanto, ele pode “adaptar o modelo do gênero aos seus valores particulares, adotando seu próprio estilo, ou mesmo contribuindo para a constante transformação de modelos”.³² Por outro lado, o receptor, como parceiro sociocultural, ativa seu reservatório de modelos textuais para atuar, interagir e compreender as finalidades pretendidas, bem como para calcular o nível de repetição, mistura, intercalação, hibridização e inovação daquele gênero usado. Portanto, os gêneros devem ser vistos como formas culturais e cognitivas de ação social (oral e escrita), corporificadas de maneira particular na linguagem e na memória, tanto condicionando nossas escolhas quanto nos proporcionando possibilidades dinâmicas de inovação.

1.4 Os gêneros como ponte entre o discurso e o texto

Na literatura linguística especializada atual, os termos *discurso* e *texto* têm significados semelhantes ou diferentes dependendo da abordagem teórica defendida.³³ No entanto, a tendência atual dentro do campo da Linguística Textual é considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa, sem distingui-los rigidamente.

Segundo Coutinho, discurso, gênero e texto são “categorias descritivas necessárias para dar conta dos objetos complexos que são textos empíricos”.³⁴ Assim, o termo *discurso* se refere ao “objeto de dizer”, enquanto *texto* é o “o objeto de figura”. Em outras palavras, o *discurso* é o plano de dizer que projeta o ato enunciativo, enquanto o *texto* é o plano esquemático perceptível que conduz a uma figura observável, independentemente de sua extensão. Nesse caso, o texto é o objeto empírico observável do fenômeno linguístico que proporciona todos os elementos configuracionais que dão acesso aos demais aspectos da análise. O texto, portanto, tem uma natureza holística, complexa e observável que desempenha uma função comunicativa dentro de um contexto e prática social. O gênero está entre o *discurso* e o *texto*, condicionando a atividade enunciativa e normatizando nossas escolhas e estratégias argumentativas.

³¹ SWALES, J. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 76.

³² KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2016, p. 65.

³³ Ver: BATISTA, R. O. (Org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

³⁴ COUTINHO, M. A. “Schématisation (discursive) et disposition (textuelle)”. In: ADAM, J. M.; GRIZE, J. B. et al. (Orgs.). *Texte et Discours: Catégories Pour L'analyse*. Dijon: EUD, 2004: 29-42, p. 32-33.

Portanto, o *texto* está ancorado em um contexto situacional com a escolha por determinado *gênero* (ou *gêneros*) que reflete um determinado *discurso*.

Essa relação intrínseca implica que os gêneros textuais funcionam como uma ponte entre o discurso, o ato enunciado amplo, e o texto, o objeto empírico visível e analisável. Portanto, todo ato de produção textual se dá por meio do uso efetivo de diferentes gêneros. O gênero “é um dispositivo dinâmico de estabilização de parâmetros para diferentes planos da organização textual”.³⁵ Ele funciona como um “molde” na configuração textual. Porém, esse “molde” não é estático, pois a configuração de um texto pode mudar conforme o tempo e as novas práticas sociodiscursivas, ou mesmo devido às inovações de um autor. Nesse caso, o molde textual quanto ao gênero é sempre antigo, mas ao mesmo tempo sempre aberto a novas possibilidades.

1.5 A distinção entre domínios discursivos, gêneros textuais e tipologias textuais

Outro aspecto importante no estudo atual dos gêneros textuais é o estabelecimento da relação entre domínios discursivos (esferas), gêneros e tipologias textuais. Segundo Marcuschi, é fundamental definir e compreender o funcionamento dos *gêneros textuais* de acordo com os seus *domínios discursivos* e as diferentes *tipologias textuais* que os compõem. Essa abordagem ampla permite compreender melhor os gêneros textuais.

Seguindo a definição de Marcuschi, é possível nomeá-los da seguinte forma:³⁶

- *Domínio discursivo* – o termo é usado para se referir a uma esfera ou instância de produção discursiva que dá origem a determinados discursos. Assim, falamos do discurso *jurídico*, *jornalístico*, *religioso*, *político* e *interpessoal*, por exemplo. Apesar de não serem um gênero particular, essas formas discursivas dão origem a vários deles. Portanto, esses domínios constituem práticas discursivas dentro dos quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes pertencem a eles (algumas vezes somente a eles!) como práticas comunicativas institucionalizadas ou rotineiras.
- *Gêneros textuais* – é a modelagem reconhecível dos textos empíricos (orais e escritos), definindo a sua figura e cumprindo funções em situações sociocomunicativas. Sua nomeação abrange um conjunto ilimitado de designações concretas determinadas pelo *canal*, *estilo*,

³⁵ MIRANDA, F. *Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação CG, 2010, p. 85.

³⁶ Seguem-se aqui as definições de Marcuschi, com modificações. Ver: MARCUSCHI, *Produção textual*, p. 154-155.

conteúdo, composição e função. Exemplos de gêneros são: telefonema, sermão, poema, carta religiosa, carta pessoal, carta comercial, bula, romance, narrativas históricas, histórias, credos, confissões, citações, ingresso, aula expositiva, receita culinária, receita médica, lista de compras, cardápio, manuais de instruções (como fazer), *outdoor*, inquérito policial, peça jurídica, edital de leilão, entrevista jornalística, artigo acadêmico, resenha, ensaio, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, chat virtual e aula virtual, dentre outros.³⁷

- *Tipologias textuais* – o termo é usado para se referir a um tipo de sequência definida teoricamente pela natureza linguística de sua composição. Sua nomeação inclui um conjunto limitado de categorias determinadas por aspectos lexicais e sintáticos, bem como relações lógicas e tempos verbais, a saber: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e dialógica*. Cada uma dessas tipologias possui características linguísticas dominantes. Portanto, os gêneros textuais são predominantemente organizados de acordo com uma tipologia, sendo que uma ou mais podem ocorrer simultaneamente ou alternadamente, embora, em geral, apareça mais de uma.

1.6 Resumo das tendências atuais no estudo dos gêneros textuais

Os gêneros textuais são, portanto, vistos hoje como eventos comunicativos amplos e rotineiros, apresentando algumas características básicas. *Primeiro*, eles têm características enunciativas por estarem dentro de *domínios discursivos* (religiosos, políticos, jurídicos e assim por diante), representando escolhas reais quanto a essas esferas discursivas. *Segundo*, eles ganham figura empírica por meio de textos orais e escritos. Nas palavras de Coutinho, “o gênero prefigura o texto, e o gênero define o que no texto empírico faz a figura do texto”.³⁸ *Terceiro*, eles se manifestam materialmente por meio de suportes, ou seja, um *locus* físico ou virtual específico para o seu emolduramento textual (e.g., enunciados orais, liturgias, papel, livro, papiro, códice, argila, madeira, rádio, meios eletrônicos). Porém, eles não ficam indiferentes ao suporte, pois podem receber interferências deles conforme as práticas sociais de cada época. *Quarto*, eles apresentam uma organização composicional marcada por unidades e subunidades intercaladas que integram uma sequência e cadeia textual com distinguíveis *tipologias textuais*. *Por fim*, eles são entidades sociais que condicionam e limitam nossa ação oral e escrita, mas como entidades dinâmicas nos convidam a novas escolhas, inovações e sobreposições. Portanto,

³⁷ Para uma lista detalhada, ver: COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

³⁸ COUTINHO, “Schématisation”, p. 37.

recorremos a gêneros socialmente estáveis e prototizados como enquadres na memória, mas nos posicionamos nessa recepção de forma dinâmica, contínua e, muitas vezes, inovadora.

2. O NOVO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS E O NOVO TESTAMENTO

Essa mudança de paradigma no estudo dos gêneros ainda tem sido timidamente absorvida nos estudos bíblicos atuais, principalmente no Brasil. No caso do NT, os estudos sobre os gêneros ainda estão vinculados a conceitos formais aristotélicos, ou a estudos meramente comparativos entre os autores bíblicos e os padrões literários da época (e.g., greco-romanos e judaicos), ou ainda ao estudo das formas e das fontes. Assim, há pouca investigação sobre a natureza dinâmica dos gêneros no Novo Testamento.

Além disso, há uma tendência de classificação rígida das obras, que geralmente são agrupadas conforme suas similaridades gerais (e.g., “evangelhos”, “sinóticos”, “cartas paulinas”, “carta gerais” etc.), sem se levar em conta as importantes diferenças literárias entre elas. Dessa forma, os paralelos literários são estabelecidos, dando-se pouca atenção às inovações particulares feitas pelos autores do NT, conforme as realidades singulares de cada obra. Assim, a ênfase na similaridade tem impedido os estudiosos de observarem importantes particularidades nas obras. Portanto, a análise dos gêneros nos estudos do NT ainda é excessivamente formal, necessitando de estudos de natureza mais dinâmica e funcional para uma compreensão adequada e mais ampla dos escritos.

Obviamente, essas novas abordagens devem ser avaliadas à luz dos pressupostos teóricos que as norteiam. No entanto, os cuidados que um estudioso do NT deve ter ao aplicar novas abordagens não devem impedi-lo de ver o que há de bom em análises mais amplas do fenômeno comunicativo, como é o caso do novo estudo dos gêneros textuais. Logo, faz-se necessário repensar novos caminhos para o estudo dos gêneros no NT, como, por exemplo: (1) uma investigação mais focada no caráter funcional e dinâmico dos gêneros do NT, rompendo-se com o formalismo e comparativismo rígido; (2) a análise das adaptações e inovações feitas pelos autores do NT em gêneros existentes de acordo com suas práticas sociocomunicativas e convicções teológicas, bem como a possibilidade de imbricamentos e hibridizações; (3) o surgimento de novos gêneros orais e escritos dentro do domínio discursivo cristão com características específicas (e.g., pregação e citação cristocêntrica dos textos do AT etc.); (4) uma análise do processo de transformação dos gêneros primários em secundários, sobretudo da oralidade para obras escritas (e.g., pregações cristãs orais para as pregações registrados no NT); (5) a importância e a influência do suporte no uso dos gêneros (e.g., liturgia, pregação, papiros, pergaminhos); e (6) o próprio fato de que referências intertextuais a outros textos (orais ou

escritos) em um determinado texto sejam consideradas como uma forma de gênero, como, por exemplo, o gênero da citação. Portanto, será essencial observar como os primeiros cristãos não apenas usaram os gêneros condicionalmente de acordo com os padrões de seu tempo, mas também como podem tê-los remodelado de uma maneira nova e dinâmica.

Em resumo, há uma necessidade de estudos integradores entre os elementos formais e funcionais dos gêneros, observando-se o possível distanciamento das formas padrões pelos autores neotestamentários por meio da incorporação de novos formatos de acordo com as suas necessidades e propósitos sociocomunicativas, ou mesmo a adaptação, imbricamento e mistura dos gêneros, ou ainda o surgimento de novos gêneros, mais distanciados dos padrões existentes. Isso evitará categorizações abrangentes, como por exemplo, classificar Hebreus e 1 João como, simplesmente, epístolas.

3. O GÊNERO DE HEBREUS: ESTUDO DE CASO

O estudo do gênero de Hebreus é uma questão multifacetada. Primeiro, é difícil adequar e classificar a forma literária de Hebreus quando comparada às convenções retórico-literárias de sua época, sejam greco-romanas, judaicas ou cristãs. Como Koester observa, Hebreus “começa como um tratado, se desenvolve como um sermão e termina como uma carta”,³⁹ e esse hibridismo dificulta a classificação de Hebreus, embora se possa dizer, usando as palavras do autor, que se trata de uma “palavra de exortação” (Hb 13.22). Segundo, o termo “gênero” não é usado de forma uniforme nos próprios estudos de Hebreus, sendo usado tanto para se referir à forma literária geral do livro, se carta, midrash, homilia, sermão ou discurso, como também para as alternâncias argumentativas do autor entre exposição e exortação presentes no livro, o que gera confusão.⁴⁰ Terceiro, a complexidade do conceito de “gênero”, com as suas diferentes abordagens teóricas e metodológicas, influencia diretamente nos resultados dos estudos. Assim, essa confusão conceitual e metodológica dificulta a abordagem do assunto e o gênero de Hebreus continua sendo um caso complexo que “resiste a uma classificação definitiva”.⁴¹

3.1 *Propostas de categorização do gênero de Hebreus*

Apesar dessas dificuldades, os estudiosos concordam que existe uma relação intrínseca entre a forma das citações do AT e o gênero usado pelo autor.

³⁹ KOESTER, C. R. “The Epistle to the Hebrews in Recent Study”. *Currents in Research* 2 (1994): 123-145, p. 125.

⁴⁰ Ver: GUTHRIE, G. H. *The Structure of Hebrews: A Text-linguistic Analysis*. Grand Rapids, MI: Baker, 1994, p. 139-140.

⁴¹ GELARDINI, G. “Rhetorical Criticism in Hebrews Scholarship: Avenues and Aporias”. In: MCGOWAN, A. B.; RICHARDS, K. H. (Eds.). *Method and Meaning: Essays on New Testament Interpretation in Honor of Harold W. Attridge*. Atlanta, GA: SBL, 2011: 213-236, p. 235.

Gelardini, por exemplo, argumenta que Hebreus “tem sido cada vez menos classificado como uma epístola e cada vez mais como uma homilia, principalmente devido ao uso das Escrituras”.⁴² De acordo com Johnson, o estilo oral de Hebreus se assemelha a uma homilia, mantendo “o ar da fala em vez do escrito”.⁴³ Segundo ele, “seja homilia ou carta”, Hebreus foi escrito para “ser lido em voz alta para o público”⁴⁴ e essa característica é constitutiva na maneira como o autor citou as Escrituras. Da mesma forma, Griffiths observa que “Hebreus é um sermão que devia ser lido em voz alta na assembleia cristã”,⁴⁵ fornecendo um modelo importante da pregação cristã antiga. Portanto, como Koester observa, “hoje é mais comum ver Hebreus como um discurso que recebeu uma curta conclusão epistolar”.⁴⁶

A tendência atual nos estudos de Hebreus é ver o livro como uma antiga homilia, sermão ou midrash homilético, embora outras opções sejam adicionadas (e.g., carta sermônica, homilia sinagoga, sermão retórico, homilia da igreja cristã, midrash em prosa retórica).⁴⁷ Siegert, por exemplo, propõe que Hebreus é um dos primeiros exemplos de um sermão sinagoga usado em um ambiente litúrgico cristão. Ele define sermão como uma “explicação pública de uma doutrina ou um texto sagrado, com seu *Sitz im Leben* sendo o culto”, demandando “uma atividade retórica de um falante”.⁴⁸ Para ele, Hebreus é um “sermão artístico”, distinto da “proclamação missionária” comum no cristianismo antigo.⁴⁹ Gelardini também sugere que Hebreus é uma espécie de antiga homilia sinagoga para Tisha Be-Av, ou seja, “uma antiga homilia de sinagoga do tipo *petichta* com um conseqüente *Sitz im Leben* dentro da reunião do sábado”.⁵⁰

Outros estudiosos sustentam que Hebreus é uma homilia midráshica baseada em textos do AT, principalmente alguns Salmos, que são interpretados de acordo com padrões midráshicos comuns em seu tempo. Assim, Buchanan

⁴² Ibid., p. 225.

⁴³ JOHNSON, L. T. *The Writings of the New Testament: An Interpretation*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1999, p. 458.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ GRIFFITHS, J. I. *Preaching in the New Testament: An Exegetical and Biblical-Theological Study*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2017, p. 105-106.

⁴⁶ KOESTER, C. R. “Hebrews”. In: AUNE, D. E. (Ed.). *The Blackwell Companion to the New Testament*. Chichester e Malden: Wiley-Blackwell, 2013: 613-631, p. 623.

⁴⁷ Ver: BATEMAN IV, H. W. *Charts on the Book of Hebrews*. Grand Rapids, MI: Kregel, 2012, p. 50.

⁴⁸ SIEGERT, F. “The Sermon as an Invention of Hellenistic Judaism”. In: DEEG, A.; HOMOLKA, W. et al. (Eds.). *Preaching in Judaism and Christianity: Encounters and Developments from Biblical Times to Modernity*. Berlin and Boston: WG, 2008: 25-44, p. 26.

⁴⁹ Ibid., p. 27.

⁵⁰ GELARDINI, G. “Hebrews, An Ancient Synagogue Homily for Tisha Be-Av: Its Function, Its Basis, Its Theological Interpretation”. In: GELARDINI, G. (Ed.). *Hebrews: Contemporary Methods, New Insights*. Leiden: Brill, 2005: 107-127, p. 124.

propõe que Hebreus “é um midrash homilético baseado no Sl 110”.⁵¹ Jordaan e Nel revisitaram a teoria de Buchanan, propondo que “o autor de Hebreus não só tomou os versos centrais do Salmo 110 para o seu sermão, mas também utilizou a estrutura de pensamento do Salmo como projeto para a estrutura ampla do seu sermão”.⁵² Segundo eles, todo o Salmo 110, não somente os versos 1 e 4, fornece a moldura estrutural para Hebreus de 1 a 12. Para eles, Hebreus é um midrash homilético porque é “um relato escrito de uma homilia oral” caracterizada “pela exposição de passagens do Antigo Testamento, que são citadas, explicadas e seguidas de uma exortação”.⁵³ De forma mais ampla, Tönges sugere que Hebreus é um “Jesus-Midrash”, identificando dezessete exemplos de midrashim explícitos em Hebreus, a maioria referindo-se aos Salmos, corroborando, segundo ele, a visão de que “a forma da Epístola aos Hebreus é a de uma homilia primitiva ou midrash homilético”.⁵⁴

Como observado, há uma falta de consenso sobre o assunto. Mesmo assim, há uma tendência pendular nos estudos de Hebreus em observar que a predileção do autor por citações com fórmulas introdutórias com alguma forma do verbo “falar” no presente, apontam na direção de um importante aspecto sobre o gênero de Hebreus, a saber, que o uso das Escrituras do AT com ênfase na oralidade do discurso divino – influenciado por padrões retóricos, litúrgicos e midráshicos aliados a uma hermenêutica cristológica – corporificam e modelam o discurso do autor, dando-lhe um ar oral, sendo uma pista importante para a definição do gênero.

3.2 A contribuição do novo conceito de gêneros textuais: o hibridismo de Hebreus

A dificuldade com as propostas de definição do gênero de Hebreus é que ainda estão excessivamente presas ao comparativismo formal e rígido da concepção aristotélica. Por essa razão, o novo conceito de gêneros textuais contribui, positivamente, na análise da questão, mostrando que uma investigação sobre o gênero de Hebreus não deve levar em conta apenas o reservatório de gêneros disponíveis na época do autor, com os quais interagiu e tinha competência de uso, mas, sobretudo, em como ele pode ter usado esses gêneros de maneira nova e criativa. Logo, é de fundamental importância analisar não apenas os gêneros a que o autor recorreu – socialmente disponíveis, estabilizados e prototizados como enquadres em sua na memória – mas como pode

⁵¹ BUCHANAN, G. W. *To the Hebrews*. New York: Doubleday, 1972, p. xix.

⁵² JORDAAN, G. J. C.; NEL, P. “From Priest-King to King-Priest: Psalm 110 and the Basic Structure of Hebrews”. *Ibid. Psalms and Hebrews: Studies in Reception*, p. 240.

⁵³ *Ibid.*, p. 230.

⁵⁴ TÖNGES, E. “The Epistle to the Hebrews as a ‘Jesus-Midrash’”. In: GELARDINI, G. (Ed.). *Hebrews: Contemporary Methods*: 89-105, p. 104.

ter se posicionado de forma dinâmica e, muitas vezes, inovadora. Portanto, a identificação dos gêneros textuais acessíveis ao autor é tão importante quanto a análise do intercalamento e hibridizações que podem ter ocorrido em sua obra, considerando que não existem gêneros “puros”.

Aplicando esses estudos a Hebreus, observa-se que os domínios discursivos são responsáveis pelo surgimento e remodelamento de gêneros específicos, tantos orais como escritos. Nesse caso, o domínio discursivo cristão, ao qual o autor pertence, ainda que herdeiro do mundo literário judaico e greco-romano, com seu repertório específico de gêneros, remodelou e deu início a gêneros específicos comuns a esse grupo social, sobretudo com ênfase cristológica.

O contexto sociocomunicativo do autor foi marcado por grande ênfase na performance oral, embora obras escritas também tivessem importante valor. No mundo greco-romano, a preparação retórica e os discursos retóricos exerciam um papel fundamental na comunicação. O próprio autor de Hebreus demonstra uma grande desenvoltura retórica em sua obra. Por outro lado, o mundo judaico era marcado pelo valor central das Escrituras do AT, bem como pelas homilias explicativas, com suas ênfases orais e técnicas interpretativas próprias, sobretudo o midrash implícito e explícito.⁵⁵ Comum a ambos, o envio e a interação por meio de cartas tinham uma função social importante nas redes comunicativas e transregionais do primeiro século.

No entanto, como cristão, o autor é herdeiro da esfera sociocomunicativa do cristianismo do primeiro século. Uma característica do cristianismo antigo foi o uso de gêneros orais e escritos desde o seu nascedouro, bem como a mescla dos dois. Em sua forma simples, o gênero da repetição oral das palavras de Jesus como citação (At 20.35), bem como o gênero mais complexo da pregação cristocêntrica citando as Escrituras do AT, tiveram um papel fundacional e contínuo nas comunidades cristãs (At 2.25-36 e 18.28). Tanto Jesus como seus seguidores foram, essencialmente, pregadores e expositores das Escrituras.

No livro de Atos vemos muitos exemplos dessas pregações. Em uma ocasião, Paulo e Barnabé são convidados na sinagoga de Antioquia da Pisídia para trazerem uma “palavra de exortação” após a leitura das Escrituras (At 13.15-41). Em seguida, Paulo prega usando vários textos do AT para apresentar Jesus. Segundo Lane, “palavra de exortação” era uma “expressão idiomática para homilia ou discurso de edificação que seguia a leitura pública de uma porção designada das Escrituras nas sinagogas helenistas”.⁵⁶ Ele observa que a expressão também aparece em 2Macabeus 15.8-11, referindo-se ao discurso de Judas apelando à Lei e aos Profetas. Para Johnson, “tanto as evidências

⁵⁵ Segundo Tõngues, “midrash implícito” refere-se a uma “tradução interpretativa do texto bíblico”, ou seja, o processo de reescrita, enquanto “midrash explícito” refere-se aos vários padrões interpretativos do tipo “texto e exposição”. Cf. TÕNGUES, “The Epistle to the Hebrews as a ‘Jesus-Midrash’”, p. 91.

⁵⁶ LANE, W. L. *Hebrews 9-13*. Dallas, TX: Word Books, 1991, p. 568.

bíblicas quanto as extrabíblicas confirmam que ‘palavra de exortação’ é um equivalente sinagoga do primeiro século para ‘sermão’.⁵⁷ Assim, no judaísmo do primeiro século, a “palavra de exortação” consistia em uma exposição de natureza midráshica de textos do AT em ambiente litúrgico. Esse é o mesmo termo usado pelo autor de Hebreus para categorizar seu discurso (Hb 13.22).

É possível então afirmar que, em seu nascedouro, os cristãos também fizeram uso desse gênero de forma oral e escrita, como o autor aos Hebreus, porém adaptando-o, amplificando-o e dando-lhe uma remodelagem cristológica. Assim, não é de se admirar que o autor de Hebreus, escrevendo a judeus helenistas, se utilize desse gênero de forma sofisticada e retoricamente artística.

Outro gênero oral importante entre os cristãos do primeiro século foi a interação dialogal. Notícias boas e ruins circulavam entre as igrejas. Porém, com a expansão da igreja, o gênero de interação oral será amplificado pelo gênero mais sofisticado da carta. De fato, os cristãos do primeiro século exploraram criativamente as possibilidades desse gênero, adaptando-o às suas necessidades comunicativas. Segundo Thompson, havia uma santa “internet” entre as igrejas para compartilhar notícias sobre o ensino de Jesus e dos apóstolos, bem como questões teológicas, planos missionários, ajuda mútua e perigos doutrinários.⁵⁸

As cartas foram vitais entre as igrejas para preservar o verdadeiro evangelho e dirimir conflitos. Uma carta podia ser lida por igrejas de uma área (1Ts 5.27), a mesma carta podia circular por igrejas de uma região maior (e.g., 2Co 1.1; 1Pe 1.1) e havia também a troca de cartas entre igrejas (Cl 4.16). Com certeza, um momento importante nas assembleias cristãs do primeiro século era a leitura dessas cartas. Assim, também não é de se admirar que o autor de Hebreus se utilize desse gênero, como as interações pessoais na obra indicam, como um meio de exortar seus destinatários. O gênero carta lhe servia como uma rede social para se comunicar de forma ampla com as igrejas em um ambiente litúrgico.

Sopesando esses dados, observa-se que no caso do gênero de Hebreus, o autor era herdeiro de um mundo marcado por diversos gêneros, onde alguns deles foram adaptados às realidades cristãs. No entanto, sua genialidade está em sobrepor esses gêneros de forma criativa, conforme seu propósito autoral, que era trazer um discurso de alta performance retórica, delineado em um formato sermônico, para ser lido em forma de carta.

O autor intercala e hibridiza três gêneros principais: *o discurso com alta performance retórica*, dando-lhe ênfase teológica e pastoral; *a pregação*

⁵⁷ JOHNSON, D. E. *Him We Proclaim: Preaching Christ from All the Scriptures*. New Jersey: P&R, 2007, p. 172.

⁵⁸ Ver: THOMPSON, M. B. “The Holy Internet: Communication Between Churches in the First Generation”. In: BAUCKHAM, R. (Ed.). *The Gospel for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 49-70.

crístã, enfatizando a oralidade e cristologia dos textos do AT, com formato expositivo e exortativo; *a carta*, com elementos interacionais com os destinatários ao longo do discurso, sobretudo no final (e.g., Hb 6.9-12; 13.18-25). Além desses gêneros na modelagem principal, ele utiliza de forma intercalada diversos subgêneros, como, por exemplo, a *catena* e a *citação*, que recebem também uma remodelagem cristã. Portanto, Hebreus é um discurso de natureza retórico-teológica com formato sermônico pastoral para ser lido como carta nas assembleias cristãs.

A tipologia textual dos gêneros usados segue um padrão expositivo-argumentativo com grande ênfase injuntiva. Há também um sofisticado dialogismo pelas Escrituras (o Pai fala e o Filho responde: Hb 1.5-13 e 2.12-13), bem como elementos descritivos importantes (e.g., Hb 9.1-10). Ademais, ainda que não haja narração propriamente dita, o autor constrói grande parte do seu argumento a partir do mundo narrativo da história da redenção do AT (e.g., Hb 3 e 11). Em outras palavras, há uma grande riqueza na forma como o autor usa os gêneros e as tipologias textuais.

O objetivo do autor era transformar a leitura da carta, algo comum nas igrejas cristãs do primeiro século, em um ato homilético de natureza cristológica, em que a ênfase na voz divina no meio da congregação, falando pelas Escrituras, se mesclasse com a sua própria voz através de sua carta sermônica de exortação. Portanto, sua estratégia argumentativa consistiu em remodelar e hibridizar, de forma sofisticado e prática, diversos gêneros disponíveis em sua época, dando-lhes uma roupagem cristã inovadora para a sua palavra de exortação (Hb 13.22).

CONCLUSÃO

O novo conceito de gêneros textuais tem amplificado o entendimento dos gêneros, que passaram a serem vistos como entidades sociocomunicativas recorrentes e estáveis, porém dinâmicas. Eles são formas socioculturais e cognitivas de interação social corporificadas de maneira particular na linguagem e na memória, condicionando nossas escolhas dentro do reservatório dos gêneros, mas proporcionando possibilidades dinâmicas de inovação.

Hebreus é um exemplo desse uso dinâmico, sobreposto e hibridizado dos gêneros. Por um lado, na intercalação, ainda existem certos limites formais e composicionais que tipificam os vários gêneros que usou, que eram comuns em sua época. Mas, por outro lado, como um cristão, o autor hibridiza e faz uma fusão de gêneros conforme as suas perspectivas autorais e estratégia argumentativa.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the changes that the concept of genre has undergone in the field of linguistics and literature in recent decades,

specifically analyzing the importance of the new linguistic concept of textual genres for the study of literary genres in the New Testament. In addition, it presents a case study on the impact of these new studies on understanding the genre of the so-called Epistle to the Hebrews, demonstrating how they can help explain the hybrid nature of its literary form.

KEYWORDS

Textual genres; Literary genres; Genre of Hebrews.